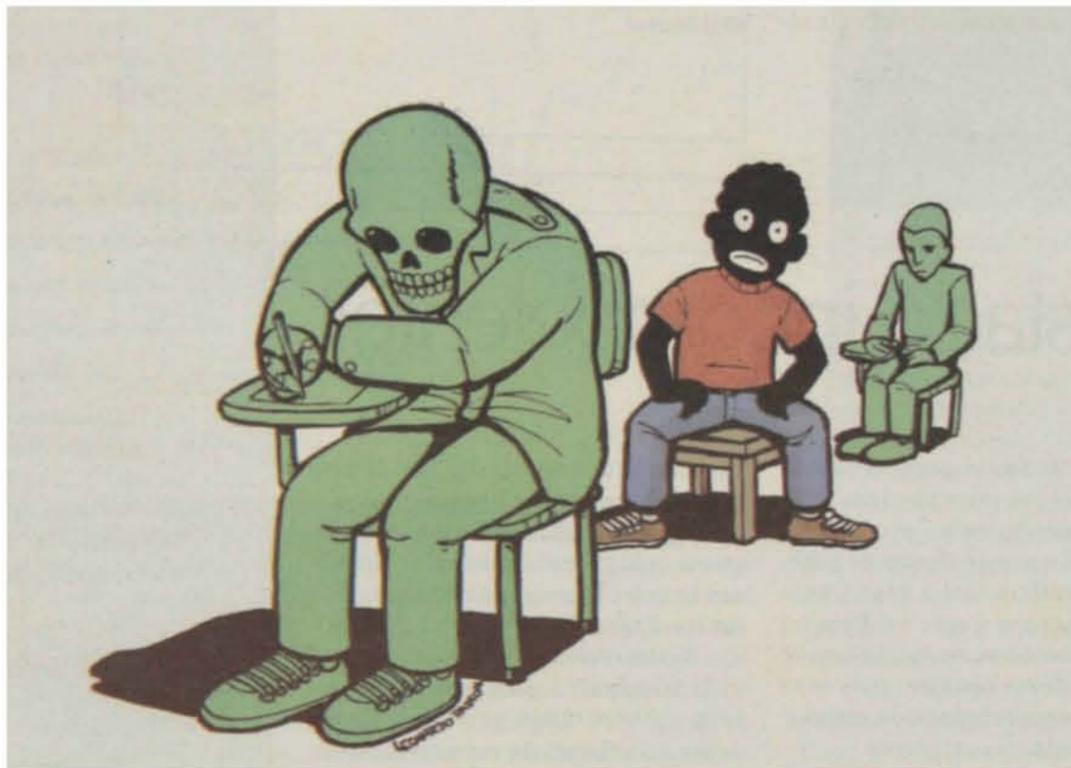




A questão das cotas



Há muito tempo cotas universitárias para as classes menos favorecidas são uma bandeira levantada por movimentos sociais e pela UNE. Ocorre que agora esta também é uma bandeira levantada pelo Ministro da

Educação, Tarso Genro, que vê tal medida como uma universalização do ensino superior público e uma revitalização do ensino médio público.

Esta edição traz um panorama da situação em volta desta discussão e do con-

junto de medidas de mudanças onde se insere a Reforma Universitária. Conta também com textos de apresentando visões opostas sobre a implantação do sistema de cotas.

Páginas 4 e 5

Informe sobre as lojinhas do CAOC

Após muita burocracia, as licitações das lojas do CAOC começaram a sair. Logo, o CAOC terá de volta todas as lojas e serviços que tinha antigamente, para todos os estudantes da Pinheiros.

Página 3

E o HC faz 60 anos

Este ano o HC comemora 60 anos. Confira na seção "Coisas de Arnaldo" um pouco da história do lugar onde passamos grande parte de nossas vidas.

Página 9

Professor ainda mais Titular

O prof. Vicente Amato Neto, da Disciplina de Moléstias Infecciosas, escreve ao Bisturi e propõe a criação de um novo patamar de professor titular, em que a ética e preocupação com a graduação teria maior valor: o MS7.

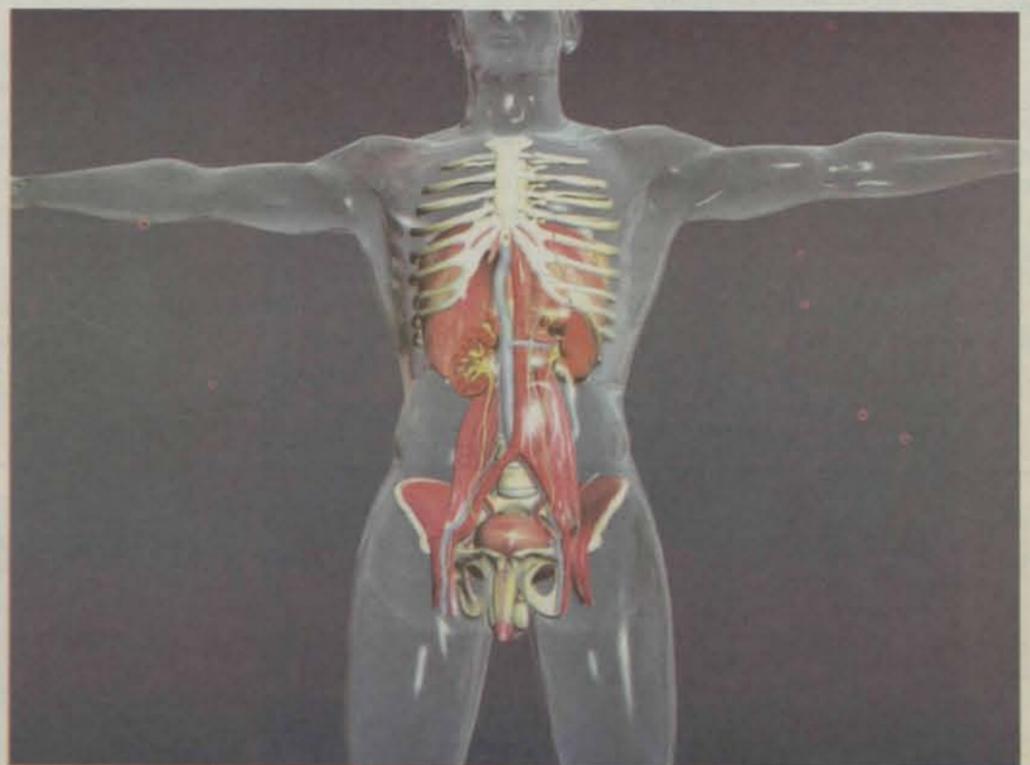
Página 7

HC encontra brecha e estagiários continuam ocupando o PS

Página 8

FMUSP encaminha projeto de regulamentação, Coseas nega abrir as portas, e Reitoria engaveta

Página 7



Entrevistas: Professores da Telemedicina falam sobre esse novo ramo da Medicina e sobre o Homem Virtual, desenvolvido na FMUSP.

Página 6

EDITORIAL

Cotas, bandejão

Nesta edição, O Bisturi traz uma matéria especial sobre cotas para negros nas vagas de universidades públicas. Há também uma introdução a outro tema que logo estará sendo amplamente discutido na mídia: a Reforma Universitária. Cumprimos assim nosso dever de estimular a discussão de temas que dizem respeito ao mundo do estudante universitário.

Seguindo a tradição de investigação do jornal, o artigo "Bandejão: COSEAS e Reitoria rejeitam proposta da FMUSP" revela a postura da USP contra os estudantes e a Faculdade de Medicina.

Mais textos de filhos de Arnaldo são publicados. Nesta edição, um poema de Ricardo Scheepmaker e um texto do professor Vicente Amato Neto, em que disserta sobre a si-

tuação dos professores titulares da Pinheiros e da USP.

A divulgação do jornal está cada vez mais eficiente. Colegas de vários estados já receberam e entraram em contato agradecendo e elogiando o jornal. É o Bisturi levando a vida da Pinheiros para todo o Brasil.

Participe você também, mande seu texto!

OPINIÃO

Preto burro ou Estado incompetente?

Rafael Casali Ribeiro

A necessidade de uma completa reforma no sistema educacional como forma de corrigir a terrível desigualdade social do país é indiscutível. Porém, uma mudança de tal porte demanda tempo, e medidas imediatas são necessárias para conter o aprofundamento do abismo social. É nesse contexto que a proposta de se reservar vagas para minorias nas universidades surge. É o chamado sistema de cotas. No entanto, essa proposta tem limitações e não se aplica na realidade brasileira.

Quem defende a implantação de cotas de vagas para minorias nas universidades públicas muitas vezes se baseia na experiência norte-americana. Nos EUA existe uma prova de conhecimentos, análise de currículo e entrevista. Considerando uma sociedade como a norte-americana, onde a segregação e o preconceito racial predominam, a probabilidade que o entrevistador atue com discriminação é grande. Assim, reservar uma parcela das vagas para aqueles que normalmente são vítimas de preconceito é uma forma adequada de garantir o acesso.

Contudo, no Brasil é diferente. Aqui, para se entrar na universidade

pública, o estudante precisa passar por um exame vestibular, que consiste somente numa prova, sem entrevista. É o que se chama de sistema meritocrático: tem a vaga quem merece, e merece quem vai bem na prova. Obviamente, os mais ricos se beneficiam desse sistema, pois seus filhos têm a oportunidade de estudar em boas escolas particulares.

No entanto, misturar conceitos pode ser perigoso. Sem o fator entrevista, que abre espaço para discriminação racial, o sistema de cotas se transforma numa discriminação às avessas. Pior, estigmatiza o cotista como incapaz de chegar à universidade pelas vias tradicionais.

Mais perigoso é adotar cotas para grupos étnicos ou raciais restritos. A limitação do negro, hoje, para entrar na universidade, não é sua cor, mas o fato de ser pobre e não ter tido condições de estudo. Adotar cotas para negros exclui o branco pobre, que convive no mesmo ambiente de tragédia social que o negro pobre, enquanto beneficia os negros de classe média e ricos, que têm condições de estudo privilegiadas. Se utilizar o sistema de cotas num processo seletivo como o brasileiro já não é adequado, destinar essas cotas a grupos raciais e étnico torna-se

racismo às avessas. Daí o título deste texto: o preconceito racial está tão arraigado na sociedade, que o negro passa a ser considerado menos inteligente que o branco, pelo simples fato de ser negro.

A alternativa mais interessante encontrada até agora para os problemas apresentados pelo sistema de cotas é a criação de cursinhos públicos, exclusivos para alunos da rede pública. Por essa proposta, defendida pela USP, não se faz distinção de raça, cor, sexo e nem se cria burocracias complicadas: se o estudante é da rede pública, ele pode disputar a vaga para o cursinho. Assim, o estudante da rede pública pode reforçar sua formação, que foi insuficiente comparado à de estudantes de escolas particulares, e disputar, sem grandes discrepâncias, pelas vagas nas universidades públicas. O estudante não terá sua auto-estima rebaixada por ser cotista, nem será discriminado mais tarde por tê-lo sido.

É imprescindível que se criem mecanismos para democratizar a universidade, enquanto indispensável reforma do sistema educacional não ocorre. E a proposta de cursinhos públicos é uma alternativa consistente ao sistema de cotas e seu caráter de discriminação — seja social, seja racial.

o bisturi

Jornal dos estudantes da Medicina-
USP

Departamento de Imprensa
Acadêmica do Centro Acadêmico
"Oswaldo Cruz"

Coordenador:
Rafael Casali Ribeiro

Equipe:
Ademir Lopes Junior
Carlos Henrique dos Anjos
Cinthya Taniguchi
Francisco Mogadouro da Cunha
Leila Fortes
Ligia Zampieri
Luciana Mazoti
Luciano Angelo Richetti
Naíma Mortari e Silva Santos
Priscila Urtiga e Silva
Yasser Armynd Daglia Calil

Projeto Gráfico:
(Editora Com-Arte Jr.)
Fabio Kato
Paula K. Santos
William Paiva

Diagramação:
(Editora Com-Arte Jr.)
Bruno Salerno
Thais Coutinho

Tiragem:
5.000 exemplares

Impressão:
Gráfica Ponto a Ponto

Este jornal não se responsabiliza pelos
textos assinados.
Textos, dúvidas e críticas
devem ser enviados para
obisturi@caoc.org.br



**25% de desconto para
alunos da FMUSP**

Mais de 16 anos de parceria com o CAOC

fonos: (11)3083-4440
3081-1204

fone/fax: 3062-7790

Livros de todas as especialidades e de outras
profissões da Saúde
Pagamento facilitado

R. Silvio Sacramento, 221
(trav. Teodoro Sampaio)
CEP 05408-040
São Paulo - SP

E-mail: livraria@academus.com.br

NOTÍCIAS DO CAOC

ESQUELETO'S



Ligia Zampieri

Outra festa da medicina? Que tipo de médico vocês vão ser? — perguntou um membro do CA da bio na Cidade Universitária.

— Felizes!!! — lhe foi respondido no ato, sem que fosse necessário pensar duas vezes.

E assim os alunos da medicina mostraram a que vieram.

Na fria noite de 8 de maio ocorreu no porão da Faculdade de Medicina da USP a melhor balada que já passou por lá desde a versão original do "Baile do Esqueleto", também conhecido como "Esqueleto's" na época, há mais de 15 anos.

A versão desse ano apresentava 2 ambientes principais. A pista Hell, na parte fechada da festa, tinha tudo que um inferno de bons

pecadores deve ter: calor aconchegante para quebrar o frio lá fora, gente bonita a fim de se divertir de verdade, muito beijo na boca e a luz vermelha que permitia uma penumbra onde os contornos dos corpos dançavam sobre o palco. Tudo isso regado a muita vodka e com o doce aroma de uva da jurupinga no ar, sem contar, é claro, com as batidas alucinadas do tecno mandado muito bem pelo DJ convidado e principalmente pelo Flávio, aluno da 92, que fez sua participação no

ponto alto da festa (e cá entre nós, mandou as melhores músicas da noite).



No ambiente externo se encontrava a pista Heaven, onde o DJ tocava um som mais variado (variado mesmo!) sob as luzes inquietas e fugidias de tons azuis. Era nesse lugar que se via de tudo, pessoa fazendo coreografia juntas em cima de um banco, uma ex-diretora do CAOC dançando com um artefato malabar na mão e principalmente a galera curtindo muito a música até quase o amanhecer.

No nosso purgatório encontravam-se os puffs, pois ninguém é de ferro e o segundo bar onde, assim como no bar da pista Hell, barmans gatíssimos serviam água, refri, e o que interessa, vodka, vodka com refri e jurupinga. Na saída para os banheiros femininos encontrava-se uma portinha que dava para um quatinho gentilmente apelidado de cafofo pela diretoria do CAOC. Lá os



mais empolgados podiam curtir a festa a dois (ou mais, sei lá!) sem câmeras.

Foi sem dúvida uma noite inesquecível para o velho porão da FMUSP. Muita bebida (que não acabou nem no fim da balada), muita gente bonita e musica boa. E para aqueles que reclamarem que tinha pouca mulher, diga que da próxima vez procure por elas na pista de dança, onde sem dúvida a maioria era do sexo feminino.

Informe sobre as lojinhas do CAOC

Como muitos estudantes da faculdade sabem, o CAOC, bem como todos da Casa, aguarda ansiosamente pela reabertura das lojas, restaurante e lanchonete que tanto alegravam e davam vida ao porão.

A reabertura destes espaços ocorrerá por um processo chamado de licitação pública, na qual empresas privadas disputam por um espaço público para que possam comercializar seus produtos. É um processo demorado,

pois se deve elaborar editais — que são enviados para a reitoria para aprovação — e cartas convites, e entrar em contato com empresas... ou seja, diversas burocracias que atrasam bastante o processo como um todo.

Felizmente, toda esta via sacra está chegando ao fim. Após um ano e meio de luta para reabertura dos diversos espaços do CAOC, após diversas reuniões com a diretoria e reitoria, o porão está prestes a rece-

ber de volta todas as lojas que tinha antigamente. Loja de roupas brancas, de material cirúrgico, farmácia, xerox, papelaria, livrarias médicas e lanchonete, entre outras, abrirão brevemente.

Atualmente, o processo se encontra em sua melhor fase. Após toda burocracia podemos convidar as empresas para participarem da licitação. Temos de escolher as empresas a dedo, pois será uma das escolhidas

que estará dentro do porão prestando serviço a todos os estudantes da Casa. Portanto, convidamos todos alunos para participarem das reuniões do CAOC (segunda a partir das 5h30), para que façam suas sugestões sobre quais empresas devem ou não devem ser convidadas.

Comemoraremos amigos, em breve o porão estará cheio de novos serviços a todos os estudantes desta nossa amada Casa.

A Livraria Científica Ernesto Reichmann tem o que você precisa



- ✓ livros nacionais e importados
 - ✓ importação própria
 - ✓ entrega rápida
 - ✓ facilidades de pagamento
 - ✓ serviço de entrega na grande São Paulo e sedex para todo o Brasil
- *Aceitamos cartões Visa, Mastercard, Amex e Dinners

Medicina
Farmácia
Saúde Pública
Odontologia
Enfermagem
Fisioterapia
Fonoaudiologia
Nutrição
Psicologia
Terapia Ocupacional
Veterinária



Livraria Científica
ERNESTO REICHMANN
www.brasilbooks.com

Loja 1 - R. Dom José de Barros, 158
Tel.: (11) 3255-1342 Telefax: (11) 3255-7501
Loja 2 - R. Pedro de Toledo, 597
Tel.: (11) 5082-5060 Telefax: (11) 5575-9037
Loja 4 - Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823
Jurubatuba - Campus SENAC
Telefax: (11) 5523-5023

Universidade e cotas: um panorama brasileiro

Conheça melhor o sistema de cotas e as discussões que esta polêmica criou,
e descubra se você é a favor ou não

Priscila Urtiga

Um ponto importante em que a Reforma Universitária toca, mas cuja discussão ocorre independentemente desta, é o acesso de camadas desfavorecidas da sociedade à Educação Superior. Atualmente, o meio mais discutido para que esta inclusão ocorra é a criação de cotas para negros, indígenas e estudantes que concluíram o Ensino Médio em escolas públicas. Segundo o Ministro da Educação, Tarso Genro, este é um bom meio para melhorar o acesso sem aumentar a já extorsiva carga tributária do país, desde que haja uma política de cotas que mescle estes critérios ou estados, impedindo o beneficiamento de poucos.

O fato é que, somente de 1991 a 1996, houve um aumento de 52% de alunos cursando o Ensino Médio, e hoje aproximadamente 1,5 milhão de estudantes ficam sem lugar na Universidade Pública – um bom negócio para os que geram seus lucros com essa competição, como os cursinhos e as instituições particulares. Soma-se a esta situação o fato de que 60% dos que concluem o Ensino Médio vêm da rede pública, dos quais

somente 10% a 12% são aprovados em faculdades públicas. Este fato que é mais evidente nos cursos mais concorridos, como Medicina e Odontologia (76% e 70%, respectivamente, dos alunos que ingressam nesses cursos são oriundos de escolas particulares). Em relação ao fator racial, as universidades assumem ter baixa representatividade de negros, tanto docentes quanto discentes, algo em torno de 16% (a UnB, por exemplo, possui nestas classes apenas 2% de negros), uma porcentagem que fica longe da proporção dos 45% de brasileiros auto-identificados negros, no Censo de 2000. Portanto, não parece exagero afirmar que hoje o ensino superior, sobretudo público, favorece principalmente as classes mais abastadas e “brancas”.

É desta lógica que surgiu a possibilidade de cotas, uma vez que o FIES (Financiamento Estudantil), embora beneficie 277 mil estudantes, possui 25% de inadimplência e não

mostrou acabar com as disparidades já apontadas. Além disso, a possibilidade de taxar os ex-alunos de Federais foi excluída, uma vez que o Ministério achou tal atitude injusta: isso seria responsabilizar apenas uma parte da sociedade pelo funcionamento de uma instituição que é de interesse público.

Hoje o sistema de cotas já é adotado em 11 Universidades públicas (UERJ, Universidade do Norte Fluminense, Universidade Estadual de Diamantina, Universidade do Estado do Mato Grosso, as seis universidades estaduais do Paraná e a Universidade Federal do Tocantins). A bancada parlamentar de negros conseguiu aprovar, em novembro de 2002, a lei para um programa de 3 anos que visava implementar e avaliar estratégias para promover o acesso ao ensino superior de pessoas pertencentes a grupos socialmente desfavorecidos, especialmente negros e indígenas brasileiros.



Os exemplos mais famosos de implantação de cotas – aqueles que fizeram as manchetes – são da UERJ (com o sistema de auto-classificação pela ficha de inscrição e com vestibulares diferentes para os que pretendem ser cotistas) e o da UnB (também com sistema de auto-classificação, porém sem provas diferentes, ou seja, uma união entre os critérios de raça e situação social, e com uma comissão que analisará o todo para o preenchimento das vagas e avaliação da eficácia em 10 anos).

Logicamente, não foram citados os exemplos históricos das ações afirmativas, que visam gerar mais igualdade, por exemplo, por decisões que privilegiem raças geralmente marginalizadas da sociedade. Este movimento surgiu nos Estados Unidos da América na década de 60, onde empresas públicas e privadas e universidades passaram a reservar vagas para mulheres e negros. Segundo o Instituto da Raça e Pobreza da Universidade de Minnesota, essas medidas permitiram que a classe média negra dobrasse em 20 anos nos EUA. No Brasil, já há cotas em cargos públicos para negros, mulheres e portadores de deficiência visual e física.

Vem aí a Reforma Universitária

Uma grande mudança pode ocorrer no panorama da Educação Superior. Trata-se da reforma Universitária. Você sabe algo sobre isso?

Priscila Urtiga - 91

“Sem uma universidade forte, sem uma universidade qualificada, sobretudo sem uma universidade pública que seja abrangente e unifique nacionalmente nosso país, que tenha largas portas de acesso, que traga para dentro de si as amplas camadas populares e que tenha um rigor, uma qualidade acadêmica extraordinária, o Brasil não vai conseguir avançar.” – Ministro da Educação, Tarso Genro.

É quase um discurso uníssono que se ouve quando o que está em pauta é a importância das Universidades, sobretudo públicas, no desenvolvimento de um país; não somente no tocante cultural, mas também na supervalorizada e desejada geração de tecnologias, sobretudo em épocas neoliberais. Este fenôme-

no mágico, que especialistas prometem ser um importante passo para integrar o seleto grupo dos países desenvolvidos. Porém, por mais que este conceito seja colocado como uma verdade universal, aparentemente o Governo Brasileiro só a descobriu recentemente. A fatia da Educação para a União é equivalente a somente 3,5% do PIB brasileiro (o Plano Nacional de Educação da Sociedade Brasileira recomenda como aceitável 10%), e ainda contou com um corte de R\$ 3,2 milhões nestes últimos 8 anos. Mas como dito, aparentemente, há forças dispostas a reverter este quadro, só resta saber se por um meio efetivo.

O meio escolhido para a revitalização da Universidade, ou melhor, do Ensino Superior no país é a Reforma Universitária. Trata de um con-

junto de ações que foram apresentadas pelo GTI (Grupo de Trabalho Interministerial) com representantes do Ministério da Educação, Casa Civil, Secretaria Geral da Presidência da República, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ministério da Ciências e Tecnologia e Ministério da Fazenda, que cobrem diversas áreas tidas como deficitárias no atual tocante desse segmento, propondo regulamentar padrões administrativos. São tais propostas:

1. Financiamento: propõe como solução as fundações de apoio e agências de fomento que já atuam na universidade (fundação Zerbini, por exemplo)

2. Ampliação de vagas: propõe o aumento da relação professor/aluno para 1/18 (seria aproximadamente 80 alunos por sala, o que não é novidade

na Medicina); cursos de curta duração, à distância, sequenciais e tecnológicos; criação do “aluno Mec”, que é a compra de vagas ociosas pelo governo de universidades particulares, “transformando parte destas vagas em cadeiras à disposição de alunos pobres, que vão estudar gratuitamente como se estivessem na universidade pública”, segundo Tarso Genro.

3. Avaliação institucional: controle do tripé ensino – pesquisa – extensão, porém não um “ranqueamento” como ocorre com o provão (que o governo pretende aposentar),

4. Contratação de professores: alguns concursos públicos realizados para gerar novos cursos ou suas expansões, de acordo com o limite orçamentário, e concessão de bolsas para professores aposentados e doutores desempregados.

Mais uma vez o imediatismo com cura

É inacreditável que se perpetue a política de não cortar o mal pela raiz, as cotas mostram isso

Priscila Urtiga – 91

O Governo atual, por meio da Reforma Universitária, revitalizou a discussão das disparidades sociais no ensino superior, e decretou o meio de salvação: cotas. E nas cotas está empregando suas forças e momentos de discussões, esquecendo quaisquer outros modos pelos quais este panorama possa ser revertido.

É fato que realmente há disparidades, e não são pequenas, na ocupação das vagas das Universidades públicas: os números estão nesta edição para comprovar. Mas o sistema de cotas limita-se a resolver o problema superficialmente e de modo imediatista. Não que a situação seja confortável e suporte somente uma ação que modifique a base e traga frutos daqui a muitos anos. Sendo educação uma questão primordial, não deve-se somente dar o peixe, pois criaremos uma clientela viciada sempre dependente de um protecionismo para que não sejam atingidos pelas mazelas das diferenças sociais, nem somente ensinar a pescar, e fadar a não fornecer condições para aplicarem o que lhes foi ensinado: deve-se inicialmente fazer os dois juntos.

A proposta de cotas pode signi-

ficar um freio no crescimento da escola pública, desvirtuando o problema central da democratização do acesso à universidade pública, que é a garantia da expansão do ensino médio público e sua universalização, e indo mais além, esquecendo que as escolas particulares também não estão em sua melhor forma. Se ambos

cotistas. Se é dito que, atualmente, estes ficam de fora das Universidades públicas por não terem condições financeiras para estudar, como teriam condições de terminar seus cursos sem subsídios para moradia, locomoção, aquisição de livros, entre outros custos ligados à educação superior. E a proposta de cotas não contém nada

Mas e quanto ao programa de cotas? Na UnB foi criada uma comissão que, baseada em fotografias, decidirá se a pessoa é negra ou não, como um tribunal de pureza racial, algo contraditório tanto moralmente quanto cientificamente. E isto para que não se repetisse o mesmo que ocorreu na UERJ, onde até loiros de olhos azuis se inscreveram para as cotas de negros alegando haver mais de 200 tipos de negros, e que eles se encaixam em um desses tipos. Vale lembrar também que no Rio de Janeiro a primeira lei de cotas aprovava, dentro destas vagas, 40% para negros, 50% para provenientes de escola públicas e 10% para portadores de necessidades especiais. Qual não foi a surpresa quando pela superposição destes critérios 76% dos aprovados no vestibular de 2003 no curso de Medicina eram cotistas.

De todo percebe-se que há boa intenção naqueles que propuseram o sistema de cotas, mas tais medidas imediatistas de inclusão social lembram o populismo. Sem percebermos, poderemos permitir que se repita, ou que se conclua, a situação de sucateamento que foi criada para o Sistema Público de Saúde e para o Ensino Básico.

O sistema de cotas limita-se a resolver o problema superficialmente e de modo imediatista.

os ensinos, público e privado, fossem bons, ou somente um deles, não teria se tornado hábito a grande maioria dos estudantes vindos de ambos terem que passar por anos de cursinhos preparatórios para vestibular para conseguirem ingressar em Universidades públicas. E logicamente os estudantes com melhores condições financeiras ficam à frente nesta corrida, por disporem de recursos para bancar mais anos de estudos nos ditos cursinhos.

Outra questão a ser levantada é o decorrer do curso superior para os

neste sentido, esquece que o importante não é somente o acesso inicial, mas ter condições para que esta educação seja concluída, e também se continue, por meio da pós-graduação, que também foi esquecida pelo programa. E isto que aqui é dito não provém somente da cabeça de alguém que já conseguiu sua vaga em uma universidade, mas também foi o resultado do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros de Universidades federais, estaduais e particulares no encontro do I Fórum "Diversidade na Universidade", organizado pelo MEC.

A Universidade do Povo e o aterramento de abismos

Não podemos esperar mais trinta anos para que o Estado comece a corrigir as injustiças que criou e sustenta. A Universidade pública é, por definição, do povo e deve ser um espaço de inclusão social, formação de trabalhadores críticos, produção de ciência e tecnologia para o desenvolvimento do país – para todos

Gerson S. Salvador de Oliveira

Eis o abismo social existente entre brasileiros: em 2000, apenas cinco mil famílias detinham 46% do PIB, enquanto um terço da população vive abaixo da linha da pobreza.

Esses índices são inconcebíveis em uma República que se pretende democrática. Mas não é difícil explicá-los: fazemos parte da História Ocidental há quinhentos anos, quatrocentos destes tiveram a sociedade produtiva sustentada pela escravidão; essas distorções sempre foram patrocinadas pelo Estado, desde 1534, quando o país foi dividido em quinze faixas de terra entregues a treze donos.

Quando questionados sobre como poderíamos promover uma distribuição de renda e, principalmente de oportunidades, para rompermos os laços com o subdesenvolvimento, a resposta é direta: Educação. O diagnóstico é consensual, mas que condu-

ta adotarmos?

Uma possibilidade de terapêutica apresentada é o sistema de cotas para estudantes oriundos de ensino médio público ou para afro-descendentes, sempre população de baixa renda. Nós que já estamos em Universidades Públicas discordamos dessa medida e temos ótimos argumentos: as cotas não resolveriam o problema da educação, o qual é o sucateamento da escola básica e média; há quem estude em escolas públicas e passe no vestibular, por mérito; as cotas aumentariam o preconceito para com as pessoas que se valessem delas; os cotistas teriam um desempenho inferior aos demais; as vagas reservadas fariam com que a disputa fosse tendenciosa, as pessoas não teriam as mesmas chances...

Quando analisamos os fatos, não é difícil perceber que esses argumentos são improcedentes. O apartheid social e racial existe e é mensurável: o homem branco tem uma renda 2,86

vezes superior ao negro (IBGE). E quanto ao déficit acadêmico, estudos na UERJ (adotou cotas em 2001) demonstram que cotistas tiveram desempenho igual ou superior comparados aos ingressos pelo processo normal, além de índices de evasão muito inferiores.

Entre os vestibulandos que prestaram Medicina na FUVEST 2003, 20,5% eram oriundos de escolas públicas. Entre os aprovados, 94,8% estudaram em escolas particulares durante o ensino médio (todo ou parte). Os números demonstram uma clara concentração de oportunidades. Quando calculamos a razão de chances (odds ratio) percebemos que um estudante que teve condições de pagar por sua formação média tem chances de aprovação 500% maiores em relação a um candidato que não teve essa oportunidade. A Constituição garante igualdade de condições para acesso e permanência na escola; será que as cotas tornariam a disputa

tendenciosa, ou diminuiriam uma distorção histórica?

As Cotas não serão a Panacéia para a educação brasileira. Só um Sistema Único, em que a Educação seja tratada como direito universal, com pré-escola, ensinos fundamental e médio articulados para formar pessoas críticas, atores de suas histórias, garantiria uma transformação efetiva. Entretanto, se hoje fossem estabelecidas condições de financiamento, qualificação de professores e estruturas adequadas, ainda assim demoraria uma geração para que os estudantes formados nesse sistema disputassem vagas em iguais condições com os que podem comprar educação. Hoje as cotas são um mecanismo indispensável para induzir transformações maiores.

ENTREVISTAS

Telemedicina: a informática a serviço da saúde e da educação

Yasser Armynd Daglia Calil (91)

Pioneira no Brasil em 1997 e com projetos de repercussão internacional como o Homem Virtual, a nossa disciplina de Telemedicina (que figura entre as melhores do planeta) tem feito maravilhas para a assistência médica e para o aprendizado. Os programas desenvolvidos pelo pessoal da telemedicina são de deixar babando qualquer um que goste da ciência médica.

Para esta edição, **O Bisturi** entrevistou dois professores da disciplina de Telemedicina: o Prof. György Böhm, que conversou conosco sobre a utilidade e as vantagens da Telemedicina, e o prof. Chao Lung Wen, que nos explicou um pouco sobre o Homem Virtual, um interessante projeto desenvolvido pela disciplina. Leia, a seguir, os principais trechos das entrevistas.

Professor Dr. György Miklós Böhm

Professor, o que é telemedicina?

Pode-se dizer que a telemedicina consiste no uso da informática e meios de comunicação para prover serviços de medicina à distância. Ela deve ser vista como a infra-estrutura tecnológica que permite otimizar os sistemas de saúde. Com a telemedicina, é possível criar estratégias para a educação médica e da população, ações de saúde preventiva, rede assistencial e para o gerenciamento de informações epidemiológicas.

Qual o objetivo da Telemedicina?

O objetivo básico é transportar a medicina em vez de deslocar o paciente ao médico ou este ao paciente. É fácil imaginar sua importância em um país tão grande e desprovido de auxílio médico como o Brasil. A telemedicina envolve também teleeducação. Com os recursos da informática e da Internet, é possível aprender, reforçar o aprendizado, avaliar o quanto foi aprendido e orientar o aprendiz, corrigindo suas falhas ou recomendado novos horizontes no seu mundo cognitivo.

Como a telemedicina é usada pelos alunos e professores da faculdade?

Generalizando, posso afirmar que a telemedicina é pouco usada pelos docentes e alunos desta casa. Isto não quer dizer que não haja vida na disciplina. Vocês já sabem das discussões anatomopatológicas que mantemos duas vezes por semana com os nossos alunos. Muitas vezes transmitimos por videoconferência estas discussões para escolas de São Paulo e outros estados. O Professor Chao desenvolveu ferramentas essenciais para a telemedicina: programas educacionais, ambientes virtuais para assistência e aprendizado, o Homem Virtual, que talvez vocês já conheçam de jornais, revistas e TV.

O custo da telemedicina é alto. Qual a relação custo-benefício? Vale a pena?

Claro que sim. Pergunto: as telecomunicações valem a pena? Ao meu ver só a telemedicina poderá estender os benefícios da Medicina ao país todo. Só ela poderá melhorar o aprendizado nas cento e muitas faculdades médicas que foram criadas; tornar a educação médica continuada uma realidade. E a prática da telemedicina envolve também o uso de tecnologias mais baratas e bastante eficientes, como a internet.

Professor Dr. Chao Lung Wen

O que é o Homem Virtual? Como ele ajuda os estudantes, médicos e pacientes?

O Homem Virtual é um projeto educacional desenvolvido pela disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da USP. É inédito no Brasil e, se considerarmos a qualidade tecnológica aliada à precisão médica e regularidade de desenvolvimento, não há similar em nenhum outro país. Os modelos em 3D, criados por computação gráfica, representam o ser humano de forma completa — estruturas macro e microscópicas, interna e externamente, de ambos os sexos e variadas faixas etárias. Até mesmo processos mole-



Tecnologia. Imagem de acne do homem virtual.

culares e bioquímicos são mostrados. Os recursos permitem a visualização e compreensão da anatomia, fisiologia e fisiopatologia. Com ele, o conhecimento científico é propagado para médicos, profissionais de saúde, estudantes, pacientes e público geral. Os programas facilitam a tarefa de vocês, futuros médicos, que precisarão explicar, de maneira simples e objetiva, a doença aos seus pacientes.

O que é o ambulatório virtual? Como contribui para que aprendamos medicina?

É um sistema baseado na internet (como um site) para assistência e educação à distância. Permite que médicos de qualquer região brasileira sejam orientados por profissionais dos centros de referência em saúde do país, como o Hospital das Clínicas. Essa comunicação entre médicos beneficia diretamente o paciente, que tem seu problema analisado por um especialista sem precisar se deslocar fisicamente. Outro beneficiado é o próprio médico, profissional de saúde, residente ou estu-

dante, por adquirir aprendizado e atualização durante a prática clínica.

O que é a teleeducação interativa?

É um programa educacional desenvolvido pela disciplina de Telemedicina. Associa as videoconferências com a internet e outros meios de comunicação dirigidos, como o Homem Virtual. É uma estratégia que aumenta a interatividade, estimula o processo de associação de idéias e desperta o interesse dos alunos.

Como os alunos da FMUSP podem participar dos projetos da Telemedicina?

Estamos criando a Liga de Telemedicina, para ampla participação dos alunos. Temos a certeza de que os nossos alunos devem modernizar a sua forma de raciocínio e descobrir novas tecnologias que possam melhorar os seus estudos. Também é importante conhecer mais amplamente outras faculdades, sem precisar sair da FMUSP. Isso poderia ser propiciado pela videoconferência. A utilização de rotina desta tecnologia permitirá aos alunos da FMUSP expandir a sua formação humana e de relacionamentos.

Livraria
Garson
a livraria do HC

Preços especiais para estudantes, promoções e condições de pagamento super especiais.

Venha nos conhecer junto ao Grêmio da Escola de Enfermagem do HC e na Rua Euclides de Andrade, 75, próximo ao metrô Vila Madalena.
Telefone: (011) 38710701 — 98671446

LIVROSETE

VENHA ADQUIRIR SEU LIVRO DE MEDICINA MAIS BARATO!

- Estamos em parceria com o CAOC para oferecer o melhor preço e condição do mercado
- Trabalhamos com cheques pré, cartão Visa e boleto bancário

Durante todo mês de Março estaremos também dentro do Centro Acadêmico para melhor servi-los

Rua Teodoro Sampaio 267 – sobreloja – Fone 3061-1113 / 0930

BANDEJÃO:

COSEAS e Reitoria rejeitam proposta da FMUSP

O texto da proposta, a manifestação do COSEAS e as demais peças do processo 2003.1.1615.5.4 estão à disposição no CAOC para consulta e extração de cópias

Francisco Mogadouro da Cunha *

Nas regras da USP (Estatuto, Regimento e afins), não há qualquer menção aos Restaurantes Universitários. Isso nos deixa sujeitos a arbitrariedades, como a restrição de acesso aos restaurantes da Saúde Pública e o da Enfermagem, impedindo-nos de usufruir das refeições subsidiadas pelo COSEAS.

Por isso, o CAOC elaborou uma proposta para incluir no Regimento da USP o direito de acesso aos bandejões. Segundo a proposta, "não haverá restrições que discriminem membros de uma mesma categoria vinculados a unidades distintas". Assim, não seria possível proibir o acesso de nenhum estudante, funcionário ou docente da USP a nenhum bandejão.

Em outubro de 2003, tal proposta foi apresentada à Congregação da FMUSP. Foi então aprovada por unanimidade, com elogios por parte dos

congregados (a maioria docentes).

Para ser incluída no Regimento, a proposta precisaria ser submetida ao Conselho Universitário (Co); a Reitoria, no entanto, encaminhou-a ao COSEAS, que administra os bandejões. A Coordenadora do COSEAS, alegando que "é impossível garantir o acesso universal aos bandejões", manifestou-se contra a regulamentação proposta.

A seguir, a Reitoria (através de seu Chefe de Gabinete) *determinou o arquivamento da proposta*, sem submetê-la ao Conselho Universitário ou a qualquer outra instância deliberativa.

Resumindo os fatos: uma proposta aprovada por unanimidade pela FMUSP foi recusada e arquivada pela Reitoria *sem qualquer discussão democrática*, após a manifestação de apenas uma das partes interessadas – no caso, o COSEAS, que concorda com a restrição de acesso.

É claro que nossa proposta não

é perfeita; foi elaborada por estudantes, que vivem apenas um lado da situação: a injustiça de não ter acesso à refeição subsidiada. Assim, é correto que o COSEAS (o "outro lado") opine a respeito.

No entanto, é absurdo que *apenas o COSEAS* tenha sido ouvido, e que o processo tenha sido arquivado logo após sua manifestação contrária. Não é assim que se constrói algo que atenda ao interesse público!

Se o COSEAS discorda do que foi proposto, o ideal é que se estabeleça o debate democrático, de forma a construir a melhor regulamentação possível. Desse debate devem participar todas as categorias interessadas: estudantes, funcionários e docentes de toda a Universidade. *Será que os argumentos levantados resistem a esse debate?*



*Chicão – 6º ano (turma 87) - chicao.sp@terra.com.br
Representante Discente na Congregação da FMUSP

Os MS7

Vicente Amato Neto*

Na Universidade de São Paulo a evolução na carreira docente é marcada ou quantificada, como queiram, por siglas que vão de MS1 a MS6. Este último nível significa atingimento do ápice e constitui o rótulo atribuído a Professor-titular. A propósito, não conheço contrariedades, desacordos ou restrições.

Contudo, alguns docentes em quantidade não irrisória adotam comportamento que, segundo eles, deve ser entendido como diferenciado. Nesse contexto mostram particularidades, entre as quais é viável citar:

optam por atitude física tendo como base a cabeça bem erguida e o peito empinado; quando transitam por determinados lugares dificilmente olha para os lados para não precisarem cumprimentar pessoas que julgam imerecedoras de atenção; fazem questão de compor Comissões de diferentes tipos, a fim de poderem sempre influir em programações e deliberações; marotamente procuram vincular-se sistematicamente ao Diretor da instituição e a importantes colegiados que dela fazem parte, com o intuito de permanência junto a expressivas instâncias; atuam sem tréguas para, por exemplo, influir

em decisões referentes a cursos, destinações de verbas e assuntos relacionados com pesquisas; obtêm promoção por meio de publicações promocionais, chegando a impedir que certas personalidades tenham acesso a elas; organizam conchavos, com a adesão pelo menos circunstancial de dependentes, subalternos ou correligionários, logicamente com o propósito de tentar implantar os desideratos que elegem; nunca ou muito raramente ministram aulas a graduandos.

Essa configuração comporta, sem dúvida, mais componentes, mas julgo que demarca bem tais figuras, reais e

de um modo geral nada construtivas.

É lógico que para efetuar essa descrição inspirei-me em imagens que conheci ou conheço; todavia, membros da comunidade universitária indubitavelmente identificam esses tipos.

Diante do exposto, convém propor um novo grau na qualificação de docente. É o MS7, em coerência com o sistema já adotado. Afinal, impõe-se reconhecer, sem escamoteamento, uma condição verdadeira.

*Professor e médico universitário



BANCO DO BRASIL

Estágios e estagiários no HC-FMUSP

A coordenação do programa Tutores, frente à baixa adesão dos estudantes e à desmotivação dos tutores devido a ausência de tutorandos, abre espaço para a participação dos alunos na elaboração de mudanças para melhorias no programa

Ademir Lopes Junior

Desde 2002, os estudantes de medicina reclamam à Comissão de Graduação (CG) e Congregação da FMUSP inúmeros problemas ocorridos no Hospital das Clínicas (HC) com estagiários de outras regiões do país.

Não sejamos ingênuos de que para “alguns” desses “árduos defensores” da pauta sobre os estagiários no HC há uma certa dose de xenofobia e neurose com a prova de Residência Médica — “estudantes de outras regiões do país vêm para o HC só no final do curso para aprender os procedimentos e além disso têm tempo para estudar para a prova teórica”

Entretanto, apesar desses alguns, grande parte das reclamações são consistentes, por exemplo: em alguns locais do HC mal há estrutura e número de professores adequados para o ensino na graduação, quanto mais acrescentar estagiários. Além disso, não há um sistema transparente e público para que qualquer estudante extra-USP tenha a possibilidade de um estágio no HC — muitos

só conseguiram porque têm um “contato HC” Grande parte dos estágios não têm programa definido e, nos prontos-socorros, por exemplo, estudantes da graduação e estagiários ficam competindo pela realização de procedimentos.

Mediante esses problemas, em 2002, a CG e a Congregação aprovaram a resolução que, em linhas gerais, reconhece a missão do HC-FMUSP em contribuir com a formação e qualidade do maior número possível de estudantes e profissionais da área da saúde. Entretanto, *esses estágios não devem interferir ou prejudicar a graduação e pós-graduação da FMUSP*. Foi recomendado que os diversos departamentos encaminhassem à Comissão de Estágios da FM a disponibilidade de períodos, programas e as atividades a serem realizadas. Portanto, através desse banco de dados, poderíamos divulgar publicamente os estágios e evitar que os mesmos atrapalhassem a graduação. Até que houvesse essa regularização, todos os estágios via faculdade de me-

dicina, estariam proibidos nos prontos-socorros, para sexto anistas de qualquer faculdade e em locais nos quais houvesse atividades do internato.

Mas no início de 2004, muitas queixas foram encaminhadas ao Centro Acadêmico por internos sobre estagiários nos prontos-socorros. Verificamos que esses estágios não estavam sendo realizados via faculdade de medicina, mas sim através do Hospital das Clínicas, afinal este é uma autarquia estadual*

Como representante discente na Comissão de Graduação, encaminhei novamente os problemas ocorridos e decidiu-se por sugerir ao HC a criação de uma comissão única de estágios HC e FM. Esta comissão seria responsável tanto por enviar quanto por receber estudantes de qualquer parte do Brasil ou do exterior.

Precisamos lembrar que assim como o HC é centro de referência para o Brasil, muitos de nossos estudantes também gostariam de maiores oportunidades em outros centros de excelência do mundo.

Acreditamos, por fim, que essa Comissão Unificada HC-FMUSP tanto irá regularizar e tornar mais justa a possibilidade de estágios no HC como potencializar a possibilidade de estágios para nossos estudantes no exterior e no Brasil.

*O HC, apesar de possuir estreito vínculo com a FMUSP, possui estrutura administrativa própria. Os nossos professores são os responsáveis pelos departamentos no HC, entretanto, decisões da Comissão de Graduação, como a dos estagiários, não têm interferência direta no HC. Além disso, nos órgãos de decisão do HC não há representação dos estudantes.

junior_ad@yahoo.com.br

Grupo de Trabalho de Humanização Hospitalar: a valorização da vida e da cidadania

Existente desde 2002, o GTHH conta a partir desse ano com a participação de alunos e representantes da faculdade, o que tem a pretensão de melhorar a formação médica quanto a humanização

Cinthy Taniguchi

No início desse ano, o CAOC foi contactado pelo Grupo de Humanização Hospitalar do Hospital das Clínicas da FMUSP (GTHH) para que enviasse um representante dos alunos para participar de suas reuniões. Paralelamente, um representante do Centro de Desenvolvimento da Educação Médica (CEDEM) da Faculdade foi requisitado para enriquecer as discussões no que tange à Formação Profissional nesse aspecto.

Este Grupo existe desde 2002 e é definido como espaço coletivo organizado, participativo e democrático que funciona à maneira de um órgão colegiado e se destina a empreender uma política institucional de resgate dos valores

humanitários na assistência, em benefício dos usuários e dos profissionais de saúde. É composto por representantes dos diversos Institutos do Complexo Hospital das Clínicas incluindo um representante dos usuários.

Cada uma das unidades do HC já vinha desenvolvendo diferentes programas, projetos e atividades de humanização. Foi então realizado um levantamento das ações desenvolvidas, planejadas atividades conjuntas e investimento na sensibilização dos profissionais para a questão da humanização, através de eventos e visitas regulares a diversas unidades do Complexo. Além disso, o grupo participou da organização e coordenação do III e IV Congresso de Humanização Hospitalar em Ação, este último

realizado nos dias 05 e 06 de abril de 2004 no Centro de Convenções Rebouças, cujo conteúdo pode ser consultado através do site www.humanizacaohospitalar.com.br.

Poucos alunos sabem da existência do Grupo, desconhecendo a importância de suas ações para melhoria do atendimento ao usuário. Mas, com essa atual representação, além da maior divulgação e participação em suas atividades, estamos fazendo tentativas de melhorias dos cursos das matérias de humanidades, como Bases Humanísticas, juntamente com os coordenadores da disciplina (apesar da resistência desses), que também participam do GTHH.

Os alunos costumam encarar a “Humanização” com preconceitos, como algo extremamente teórico e

desnecessário, porque durante sua formação, ainda é assim que lhes apresentam o assunto havendo pouco contato com o paciente como pessoa e mais como um simples objeto de estudo.

Porém, se fossem mais conhecidas por eles ações como o “Grupo de Convivência para pacientes e familiares do Centro de Reabilitação” (do IPQ), “Projeto Trabalhando em equipe” (da DMR) e “Projeto PIPA” (do ICr), começariam a perceber a importância de se discutir e incentivar as atividades e, quem sabe, dessas participar.

Para obter maiores informações sobre o Grupo de Humanização do HCFMUSP e sobre as ações desenvolvidas no hospital, as quais o grupo apoia, visite o site www.hcnet.usp.br/humaniza.

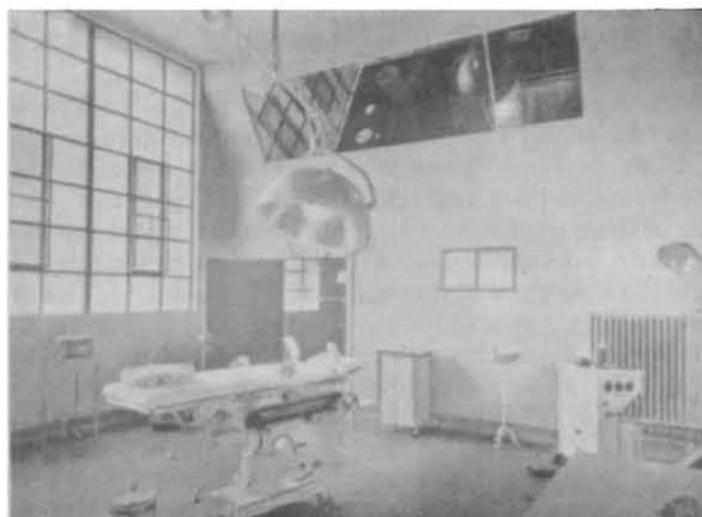
COISAS DE ARNALDO:

Este é o HC das Crônicas!

Noventa anos da Faculdade de Medicina, cinquenta anos do IPQ, sessenta anos do HC... Será uma conspiração dos antigos professores para ter um motivo para festejar todo ano?



Registro de pacientes



Sala de operação com vidro e anfiteatro para espectadores

Luciana Mazoti

A Fundação Rockefeller era instituição filantrópica norte-americana que tinha por objetivo “a difusão da higiene e da educação médica em todo o mundo”. Ainda durante a diretoria do Dr. Arnaldo começaram os contatos entre a faculdade e essa instituição, sendo que eles patrocinaram em 1928 a instalação da cadeira de Higiene. A Fundação estava interessada em construir uma Faculdade de Medicina na Brasil. A idéia era fazer a escola, desde que o governo local se compromettesse a construir um hospital-escola. Procurou os

governos de Minas Gerais e de São Paulo. O resultado nós já sabemos: em 1931 era inaugurado o prédio da Faculdade.

Por isso desde o dia seguinte ao lançamento da pedra fundamental do prédio da Faculdade, em 1928, já havia o projeto da construção do hospital. No entanto, os planos foram abandonados e foi só em 1938, numa visita do recém-empossado governador Adhemar Pereira de Barros, que foi decidida a sua construção. Nós também participamos dessa decisão: um número inteiro d'O Bisturi (nº 23, 1937) foi em campanha à construção do hospital. Assim, em 10 de outubro

de 1938 foi iniciada a construção do IC. O governador deu todo o apoio financeiro necessário para a obra, e quando seu sucessor tomou posse o IC já estava quase pronto.

Inaugurado no dia 19 de abril de 1944 o prédio recebeu o nome do ex-governador Adhemar Pereira de Barros, numa homenagem ao médico que havia dado início às obras.

Estrutura

No início de sua vida o IC concentrava 16 das 18 clínicas da Faculdade, pois logo depois de sua inauguração foram também feitos o IOT (53) e o IPQ (54). Tinha apro-

ximadamente 1200 leitos, divididos em 238 enfermarias, e 20 salas cirúrgicas, sendo 4 delas com anfiteatros para espectadores! As clínicas ficavam nas laterais do prédio, e cada uma tinha cerca de 65 leitos, além de uma ambulatório no mesmo andar, na parte de trás do corpo central do prédio. Os serviços comuns à todas as clínicas (centro cirúrgico, esterilização, radiologia, ECG, arquivo médico, entre outros) ficavam no eixo do corredor central. Na parte da frente do corpo central ficavam os serviços administrativos, anfiteatros, residência dos médicos (sim, havia uma! Será que tinha TV?).

NÚMEROS (unidade: HC/mês)

125 mil atendimentos ambulatoriais
3750 cirurgias
45.830 atendimentos no PS
24 transplantes
1306000 pares de luvas
17400 m de fio de sutura

O HC tem:

352 mil metros quadrados de área construída
6 institutos (IC, IOT, IPq, InCor, ICr e InRad), além do Pamb e da Medicina Nuclear
30 km de corredores
2177 leitos
80 mil m² quadrados de área verde (onde?)



Perguntas sem respostas:

- Por que raios a Fundação Rockefeller queria fazer uma faculdade de Medicina no Brasil?
- Por que o IC foi inaugurado no dia do índio?
- Em que andar do IC ficava o centro cirúrgico?
- Quais eram as outras 16 clínicas do HC, além de Psiquiatria e Ortopedia?



Farmácia

Laboratório - central



Mais uma vez, a Calomed é Med!

A cena se repete. Desta vez foi a turma 92 que, pela primeira vez, abriu o cocozão!

A Calomed de Port(c)o Feliz teve início na sexta-feira, com a disputa de atletismo. A equipe masculina deu um show na pista, vencendo quase todas as provas. A equipe feminina conseguiu superar a falta de treinos, segurando o segundo lugar. O dia prosseguiu com ótimas atuações na quadra, com destaque para as modalidades masculinas, que não perderam nenhum confronto.

O sábado começou com a natação! Mais uma vez, assistimos a um verdadeiro passeio dos nossos meninos! Vencemos todas as provas, garantindo a dobradinha (1^o e 2^o colocados) em todas elas! Revelaram-se grandes

promessas para o futuro da natação da AAAOC! De tarde as meninas conseguiram nossa primeira vitória na quadra, superando a Unicamp no basquete.

O começo do domingo foi perfeito! Vencemos o xadrez (Renatinho animal!!!) e os tênis de mesa feminino e masculino. Além disso, em uma partida para lá de tensa, ganhamos o basquete masculino contra ABC. Assim, antes mesmo do almoço já pudemos soltar o grito de *campeão!* Agora era só esperar uma vitória na quadra para abrimos o cocozão!

E a vitória veio no handball masculino! Em uma atuação fantástica da nossa equipe, vencemos com folga a Unicamp e, daí em diante, foi só comemorar!



Depois do cocozão ainda assistimos às finais de basquete feminino e futsal masculino, com destaque para a integração entre a nossa torcida e a torcida da Unicamp!

Antes tarde do que nunca, voltamos para o alojamento (aliás, que alojamento!) e encerramos o torneio com a tradicional entrega de camisas do 6^o ano!

Parabéns, Calourada! Que essa tenha sido a primeira das muitas vitórias que vocês terão por aqui! Obrigada a todos os veteranos que compareceram!

E agora, calouros, a Calomed acabou, mas os treinos continuam!

E tem mais: em um mês já é a InterUSP! Esperamos ver todos os calouros novamente, para retribuir todo o apoio e a torcida dos veteranos!

No ar!

Para quem ainda não sabe, o site da AAAOC já está no ar!

Nele é possível conferir os resultados dos jogos, tabelas de artilharia, a história da AAAOC e muito mais!

Acessem: www.aaaoc.com.br



Onde se narram as andanças de três mui corajosos transeuntes

Mococa (91)

Doce é a ilusão. Todos se iludem, exceto membros do Show! Prova disso é que somente os estrelas conhecem a verdadeira história que inspirou aquela que é a maior obra da literatura espanhola: Don Quixote!

Contrariando o princípio de silêncio típico do Show Medicina, transcreverei aqui um *fac-simile* de um documento de 1605 que conta a história de dois obstinados homens que rodaram grandes planícies com um intuito ferrenho: criar aquele que seria o maior grupo teatral da história!

Ia-se pelas planícies espanholas um mui digno e prestoso cavaleiro a quem chamavam Don Pedrote de la Mancha. Seu cavalo — mui brilhoso — era de perto

seguido por outro não tão bem cuidado, guiado pelo escudeiro de D. Pedrote, Sancho Zanfa. Ambos possuíam em suas mentes a idéia fixa de fazer valer seus dotes teatrais aprendidos quando ainda crianças no circo de sua cidadezinha.

Caminharam muito os dois rijos cavaleiros, quando avistaram em seu caminho uma porção de cabras que pareciam mui saborosas. O guloso escudeiro logo se apressou em assar uma daquelas cabras, mas foi surpreendido pelo humilde cabreiro daquelas pastagens, o qual se identificou como Fernandes Prego. O cabreiro viu a situação lamentável em que se encontravam os dois andantes e — como não usufruía de suas plenas intelectualidades — resolveu acompanhá-los e se alimentar somente de Pizza de Cabra daquele dia em diante.

Meses se passaram e os três nobres mas esfarrapados homens, que agora vestiam-se com as mesmas roupas cinzas e encardidas, decidiram fazer com que o resto do reino espanhol se divertisse deveras. Rodavam as paragens espanholas então os três cantando, dançando e se apresentando com as mais hilárias piadas, com histórias de além-mar e outras.

À certa altura de seu apresentar incansável, D. Pedrote vislumbrou aquela que seria a pior de todas as suas visões: figuras sapolínicas suspensas e de imensa altura impediam que ele e seus nobres ajudantes se apresentassem. Don Pedrote estava por demais apavorado, visto que sua fama de destemido diretor se comprometeria; Sancho Zanfa, mui despreocupado, dizia tratarem-se somente de moinhos de vento; e o cabreiro

Prego tentava — insistentemente — fazer com que tais monstros assinassem um papel. Seguiram-se neste conflito muitas horas, sendo que ao final as figuras sapolínicas citadas encontravam-se em alto estado de embriaguez, o que os fez parar de incomodar os três artistas e até se fazer gargalhar um pouco deles.

Chegaram os três valentes repentistas a uma estalagem, onde contaram suas andanças e conseguiram que assim mais nobres andarilhos se juntassem a eles, usando roupas cinzas e comendo pizza de cabra. Em tal estalagem — onde havia “mui formosas” costureiras — estabeleceu-se então a primeira escola de teatro dramático-pop-hilário-romântico-(sur)realista, que só abria pela vontade daquele que carregava o nome do novo mundo.



Diana Kimie Dias (91)

Nesta edição, vamos falar do que está acontecendo no projeto. Infelizmente, um dos nossos mais dedicados voluntários, o psiquiatra Dr. Márcio, terá que se

ausentar do projeto por enquanto.

Então, estamos trabalhando com um número reduzido de médicos: dois fixos (Dr. Christian, clínico, que vai semanalmente, e o Dr. Fábio, psiquiatra, que vai a cada 14 dias), dois que estão se

familiarizando com o projeto (Dr. Rogério e Dra. Luciana), e ainda contamos com a participação do cardiologista Dr. Tarso.

Devido a nossa situação atual, estamos convidando novos médicos para conhecer o projeto – mais infor-

mações no site www.ema.dk3.com. Se você estiver interessado ou conhece alguém que esteja, basta entrar em contato conosco através do e-mail emafmusp@yahoo.com.br. Sua colaboração vai fazer a diferença!!!



DC Informa

Fumagalli (90) e Jundy (90)

Os frutos do trabalho desta gestão do Departamento Científico já começam a aparecer. Graças ao esforço e dedicação da diretoria, o DC está oferecendo uma ampla variedade de opções para alunos e profissionais da área da saúde estarem aprimorando seus conhecimentos.

Devido à grande procura pelos cursos, pedimos aos interessados

em realizá-los que se inscrevam o quanto antes, evitando constrangimentos. Ultimamente as vagas estão sendo todas preenchidas.

O Curso de Bases Clínicas de Massoterapia, grande sucesso, será repetido no próximo semestre; provavelmente será a última edição desse curso, logo, procurem não fazer as inscrições na última hora.

Já estão abertas as inscrições para o POC (Prêmio Osvaldo Cruz),

PMN (Prêmio Monografias) e Seção de Painéis. Maiores informações no DC...

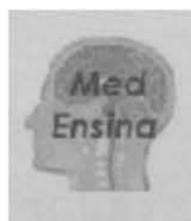
Se o DC mantiver o ritmo atual, em outubro ocorrerá um megaevento que entrará pra a história do DC e da faculdade... Baladeiros, tremem!!!

Nós estamos na Av. Dr. Arnaldo, 455 (subsolo), CEP: 01246-903 – São Paulo – SP. Tel.: (0xx11) 3066-7410 e (0xx11) 3062-2922.

PRÓXIMOS CURSOS

Embriologia – 31/05 a 04/06

Terapia Gênica Celular –
25/05 a 27/05



Med Ensina: passado, presente e futuro

Saulo (89)
Presidente do
Cursinho Med Ensina

De repente o professor Paulo Hilário Saldiva Nascimento (o Pepino) conversou conosco com idéias sobre um cursinho gratuito na faculdade. Divulgamos para todos os alunos da faculdade e muitos apareceram nas primeiras reuniões. A idéia foi ficando mais palpável e, em setembro de 2002, iniciamos um projeto piloto, de caráter intensivo, para o mesmo ano. Compramos apostilas de um cursinho pouco conhecido (percebemos que isso precisava mudar!) e não fizemos nenhum processo seletivo. Escolhemos como alunos (cobaias) alguns estudantes de colégios da rede pública das proximidades, como o Alves Cruz e o Maximiliano. Descobrimos que tínhamos que realizar um processo seletivo, a fim de não só privilegiar alunos carentes que não têm como pagar um cursinho particular, como também selecionar aqueles com o mínimo de instrução

para poderem acompanhar o nosso curso, já que nossa experiência nos mostrou que sem uma dificuldade inicial os alunos não dariam o devido valor à oportunidade.

Dessa forma, fizemos em 2003, um processo seletivo composto de duas fases: uma prova de conhecimentos gerais, que foi dada e corrigida pelo Colégio Bandeirantes e realizada no Prédio da Politécnica e da própria FMUSP, e uma avaliação sócio-econômica realizada por assistentes sociais do HC contratadas para o serviço. Foram dois mil inscritos para a prova e 180 aprovados, que foram divididos em dois anfiteatros. Desta vez tivemos o apoio do Curso Objetivo, que cedeu o material.

Inúmeros problemas em relação às aulas ocorreram, já que é muito difícil fazer conciliar a vida dos estudantes de medicina aos horários das aulas (18h00 às 23h00). A principal dificuldade foi (e continua sendo) organizar o quebra-cabeça da Grade Horária semanal, já que para isso os 26

professores devem chegar a um consenso. Muitos plantonistas faltavam (principalmente em vésperas de provas). Mesmo assim conseguimos fazer um Ciclo de Palestras de Livros da Fuvest aos sábados, e também agendamos palestras culturais, com o Prof. Aziz Nacib Ab'Saber, Prof. Pepino e o Prof. Paulo Vaz de Arruda. Tivemos com esse esforço no final de 2003 22 aprovações, dentre elas, Odontologia na USP, Direito na Unesp, Publicidade e Propaganda na Belas Artes, Física e Matemática na USP, entre outras, totalizando 14 aprovações em escolas públicas.

Para 2004, estamos mantendo os mesmos padrões, usando os recursos escassos que arrecadamos com o Processo Seletivo. Além das aulas, teremos novas atrações, como o Projeto Tutores, similar ao da faculdade, para conhecermos melhor a realidade dos alunos que estudam conosco. Além disso, a divulgação do cursinho está crescendo, com o site www.medensina.kit.net, com entrevistas no SPTV e com uma

materia que entrará no ar no Canal Futura em junho no Programa Boa Notícia. Além disso, para este ano, o Cursinho Med Ensina vale cinco créditos, sendo oficialmente reconhecido pela USP como um projeto de extensão. Conseguimos contratar uma secretária e dois bedéis e temos uma sala que dividimos com outros projetos de extensão, como a Bandeira Científica.

Participar do cursinho não significa apenas fazer um trabalho voluntário no qual se dá aulas para uma população carente. Significa poder ampliar os horizontes e perspectivas dos alunos, compartilhando nossas experiências e permitindo que os alunos vivenciem o ambiente universitário. Ademais, isso tudo contribui para a própria formação médica dos participantes, já que demanda um amadurecimento e também aperfeiçoa a capacidade de comunicação e síntese.

Se você está interessado em participar de alguma forma, procure a Mônica (secretária), das 17h30 às 21h30, no CAOC.

CAÓTICA

E a Medicina sempre avança!!! Revisamos a história da metodização científica, observamos a metodologia de alguns profissionais e acompanhamos de perto a opinião pública a cerca da prática dessa arte; como toda boa pesquisa sentimos a necessidade de uma publicação e tomamos a liberdade de colocar aqui alguns dos achados, didaticamente modelados a fim de alcançar um melhor entendimento. Os resultados são impressionantes!

Quadrinhos de Fernando Gonsales e Adão Iturrugarai.

SANGUESSUGA



COLESTEROL



ENGENHARIA GENÉTICA



Poemas



O voar livre

Voe, voe bem alto borboleta
seja livre, respire e bata bem suas asas,
pois tamanha graciosidade
não paga a pena
de ser guardada numa caixinha.

O seu vôo é um arco-íris para mim,
mas não voe muito alto,
para o Sol não te queimar
e nem um vento forte
te carregar.

Ricardo Scheepmaker
29/04/04

Esta seção é destinada à publicação
de textos de qualquer aluno da FMUSP.
Mande seu texto para a gente!!!

Causos de Yasser: Histórias que só um árabe pode contar...

Mais ou menos 40 anos, executivo bem apessoado, senta-se na poltrona do avião com destino a New York e, maravilha, depara-se com uma morena escultural sentada na poltrona junto à janela. Pernas cruzadas, perfeitas, saia curta deixando entrever um belíssimo par de coxas, seios no tamanho exato, empinados, lábios carnudos, mas sem volume demasiado, enfim, uma DEUSA.

Decola a aeronave, céu de brigadeiro, uma vontade enorme de puxar conversa, mas a morena, impassível, lê um grosso volume com muita atenção. 15 minutos de vôo e o cavalheiro não se contém:

— É a primeira vez que vai a New York?

Ela, gentil, com uma voz muito sensual, mas de certa forma reservada:

— Não, é uma viagem habitual...

Ele, agora animado:

— Trabalha com moda, por acaso...?

— Não, viajo em função de minhas pesquisas...

— Desculpe-me a curiosidade, é escritora...?

— Não, sou sexóloga.

— Muito interessante e raro. Suas pesquisas dedicam-se, na sexologia, a quê, especificamente?

Ela, tranqüila e sempre com a mesma voz de veludo:

— No momento, dedico-me a pesquisar as características do membro masculino, o que julgo ser um trabalho de fôlego e muito difícil.

— Nas suas pesquisas, a que conclusões já chegou?

— Bom, de todos os pesquisados, já concluí que os índios, sem dúvida, são os portadores de membros com as dimensões mais avantajadas e, em contrapartida, os árabes são os que permanecem mais tempo no coito, antes de entrarem em gozo; logo, são os que proporcionam mais prazer às suas parceiras. Além disso... oh, me desculpe, eu estou aqui falando sem parar e nem sei o seu nome...

— Mohamed Pataxó, às suas ordens.

Elias foi até o balcão de anúncios porque queria botar uma nota na seção de óbitos.

— Quero coloca anúncio aí. Meu mulher morreu.

— Pois não, que tipo de nota?

— A mais barata possível!

— E qual a mensagem?

— Habuba morreu.

— Mesmo no anúncio mais barato, o senhor tem direito de usar pelo menos cinco palavras.

— Habuba morreu. Vendo fusca 75.

— Samirzinho, vai bêga martelo na casa de Youssef.

— Youssef não está, pai.

— Yalla bêga martelo na casa de Michel.

— Michel emprestou martelo pra Khalil.

— Enton vai bêgar martelo com Khalil.

— Khalil foi pro Líbano.

— Enton bêga nossa martelo mesmo.

O turco Salim, muito rico, chega ao banco e fala com o gerente:

— Eu querê fazê um empréstimo!

O gerente, surpreso, pergunta ao Salim:

— O Sr. Salim, querendo um empréstimo? De quanto?

— Um real.

— Um real? Ah, isso eu mesmo lhe dou, Sr. Salim...!!!

— Não, eu querê embrestado do Banco, só um real!

— Tudo bem, mas tem 12% de juros, para 30 dias, o Sr. sabe, né?

— Dudo bem, dá um real e doze centavos... onde eu azina?

— Só que o banco vai pedir uma garantia, sabe como é...são normas internas...

— Bem, pode begá minha Mercedes zerinha, que ta aí fora e deixá guardada aí no garagem do banco, até eu bagá o empréstimo, tá bom assim? Feito isso, Sr. Salim foi pra casa e disse pra Sara:

— Bronto, rabibe, nós já bode viajá bra Oropa sem brocupação. Consegui deixar nossa carrinho num garagem, por 30 dias, e eu só vai bagá um real e doze centavos.